

## **EDUCANDO AS NOVAS GERAÇÕES: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA**

**CASAGRANDE**, Lindamir Salete -GeTec/PPGTE/UTFPR -lindamir@ppgte.cefetpr.br.

**CARVALHO**, Marília Gomes de -GeTec/PPGTE/UTFPR -carvalho@ppgte.cefetpr.br.

**GT:** Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23

**Agência Financiadora:** Sem Financiamento

### **Introdução**

Entende-se que a busca por uma sociedade mais democrática e justa tem sido um dos objetivos dos atores sociais que trabalham na escola (professores, professoras, alunos, alunas, supervisores, supervisoras, diretores, diretoras, enfim, profissionais da educação), para que sejam formadas cidadãs e cidadãos que respeitem a diversidade cultural, de valores e de crenças, bem como a multiplicidade de comportamentos relacionados à sexualidade. Assim, é importante refletir sobre as questões de gênero no ambiente escolar, visto que, na escola encontra-se uma variedade de indivíduos com experiências de vida, sonhos e realidades específicas e, compreender, aceitar e saber como lidar com esta diversidade é de fundamental importância para a construção de uma educação justa e democrática.

As ferramentas de ensino também assumem papel importante nesta busca. O livro didático, por exemplo, acompanha as crianças desde a mais tenra idade. Desta forma, este instrumento assume papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem e muitas vezes é o único livro ao qual professores/as e alunos/as têm acesso. Assim, analisar as representações de gênero presentes nos livros didáticos torna-se relevante, pois, as representações ali apresentadas podem servir de modelo para alunos/as na construção e definição de suas identidades.

O objetivo deste artigo é analisar como ocorre a representação de gênero nos livros didáticos de Matemática no que tange aos momentos de educação das crianças. Foram analisados três aspectos: quanto aos momentos de lazer; quanto à relação com os momentos de aprendizagem, quer na escola ou fora dela e quanto às relações familiares.

Foram analisados 18 livros, 4 do início da década de 1990 e 14 do início da década de 2000, sendo a metade destinados ao ensino de Matemática de 5ª série e a outra metade de 6ª série. A diferença na quantidade de livros dos dois períodos deu-se pela dificuldade na localização dos livros mais antigos, pois a cada quatro anos os livros são trocados e descartados pelas escolas, já que não há local para e nem necessidade de armazenamento. Optou-se por livros de 5ª e 6ª série, pois o conteúdo dos mesmos propicia o uso de personagens na problematização e assim a representação de gênero se

torna mais freqüente. A década de 1990 foi escolhida por ter sido rica em transformações sociais, foi um período de efervescência cultural. Os avanços tecnológicos e a abertura de fronteiras permitiu o conhecimento de muitas culturas até então desconhecidas.

### **O conceito de gênero**

O termo “gênero” surgiu na academia em substituição ao termo “Mulher” num momento em que o movimento feminista buscava desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, bem como, adentrar em alguns ramos da ciência, onde os estudos sobre as mulheres não eram bem aceitos. Simião argumenta que:

nesse sentido era preciso encontrar conceitos que permitissem diferenciar aquilo que as mulheres tinham de natural, permanente, e igual em todas as épocas e culturas (o sexo) daquilo que dava base para a discriminação e, por ser socialmente construído, variava de sociedade para sociedade e podia mudar com o tempo (o gênero) (2000, p. 4-5).

Para Scott, gênero é “uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (1995, p. 75). Para a autora, gênero indica também relação de poder entre os sujeitos. Sua construção se dá na interação entre as pessoas e delas com o contexto em que estão inseridos, ou seja, gênero é social e culturalmente construído e assim pode ser modificado. Desta forma, não se deve confundir gênero com sexo, pois “‘sexo’ é a base biologicamente dada sobre a qual se (im)põe social e culturalmente o ‘gênero’, que é, assim, uma construção social” (PIERUCCI, 199-, p. 124).

A criança, ao nascer, é do sexo feminino ou masculino, ao ser submetida ao convívio social o gênero vai sendo definido e pode ser diferente do sexo. Ela pode vir a ser do gênero masculino, feminino, homossexual, transexual, bissexual, dentre outros e o fato de a pessoa pertencer a um ou outro gênero não define sua capacidade intelectual e/ou suas habilidades manuais.

Ao considerar o gênero uma construção social que representa e reproduz relações de poder, pode-se dizer que os papéis e/ou funções atribuídas a homens e mulheres variam dependendo da cultura, do ambiente social, enfim, da sociedade em que as pessoas estão inseridas. Isto não se pode perder de vista.

Para Schienbinger o termo gênero “é mais propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia” (2001, p. 45) enquanto sexo pode ter muitos significados dentre eles “referir a biologia [macho ou fêmea] de um indivíduo” (SCHIENBINGER, 2001, p. 47). As relações de poder e hierarquia também podem se manifestar dentro do mesmo gênero quando mulheres

exercem sua dominação sobre outras mulheres, ou quando homens dominam outros homens, por exemplo.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1998) em seus temas transversais prevêm a discussão das questões de gênero no ambiente escolar. A conceituação de gênero constante nos PCN's é o "conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos" (1998, p. 320) o que converge para o argumento dos teóricos de gênero aqui referenciados.

Para a realização desta pesquisa adotou-se a visão de gênero como relacional, pois entende-se que estudar um dos gêneros implica também em conhecer os demais gêneros e um estudo que contemple apenas a visão de um dos gêneros está incompleto.

### **O espaço escolar e as relações de gênero**

As questões de gênero perpassam todas as esferas da sociedade e desta forma chegam à escola. Discutir as relações de gênero no ambiente escolar é de fundamental importância quando se pensa em construir uma educação democrática que possibilite a todos os seus agentes, igualdade de condições e de oportunidades.

Devido às mudanças sociais que vêm ocorrendo, mais acentuadamente, a partir do século XX, tanto no Brasil como no mundo, quando a mulher passou a ter uma maior participação no mercado de trabalho, as questões relacionadas à educação, antes responsabilidade da mulher, no papel de mãe, passaram a ser delegadas à escola. Desta forma, o papel da escola na educação das crianças vem aumentando e ela passa a ser uma das principais instituições de socialização e educação além de ser a mais importante forma dos alunos adquirirem conhecimentos.

Bock, Furtado & Teixeira ressaltam o papel da escola na formação das alunas e dos alunos e argumentam que:

Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança "humanize-se", cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança, então, vai deixando de imitar os comportamentos adultos para, aos poucos, apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, assim, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social (2001, p. 261).

Com relação ao papel da escola Louro (2001) argumenta que ela é formadora de diferenças e desigualdades. O fato da escola não ser acessível a todos, diferencia os que estão dentro dos que estão fora dela. Dentre os que a ela têm acesso, a escola reproduz ainda diferenças de gênero e legitima padrões de comportamentos distintos para meninos e meninas criando também expectativas díspares para os jovens dos diferentes

sexos. Segundo Carvalho, “a desigualdade sexual e a iniquidade de gênero se manifestam em muitos aspectos das relações escolares” (2003, p. 57). Tais manifestações vão desde as expectativas dos professores e professoras, passando pelas representações de homens e mulheres nos materiais didáticos até as relações de poder na escola.

Ao impor e legitimar modelos de comportamento diferentes para meninos e meninas, a escola pode influenciar nas escolhas profissionais dos mesmos. Segundo Bock, Furtado & Teixeira “na tradição cultural brasileira [e também na mundial], a mulher, por exemplo, é sempre vista como ser frágil, que nasceu para ser mãe, para proteger e dar amor” (2001, p. 315). Desta forma, a função da mulher é, nesta visão, cuidar da família, e para isso a menina é educada desde pequena quando é incentivada a cuidar de suas bonecas como se fossem bebês, a fazer comidinha, a brincar de casinha, brincadeiras estas voltadas para o lar, ou seja, para a esfera privada. Por outro lado, os meninos são incentivados a brincar de carrinhos, empinar pipas, jogar videogames, praticar esportes coletivos, como o futebol, por exemplo, enfim, brincadeiras que exigem tomadas de decisão, voltadas para a rua, isto é, para a esfera pública. Em suma, meninas e meninos são socializados de forma diferenciada e é “normal” que diante da vida, quando adultos, tenham posturas, ações e reações distintas.

Ainda com relação ao papel da escola na formação dos alunos Cavalcanti afirma que

a escola ocupa [...] um importante papel como instituição social perpetuadora de discursos que mantêm relações de poder entre grupos humanos. [...] acabam por generificar atributos que, *a priori*, podem privilegiar, indistintamente, qualquer indivíduo, seja ele homem ou mulher, pobre ou rico, preto ou branco (CAVALCANTI, 2003, p. 184)

Moreno argumenta que instituições como Ciência e Educação não são neutras e, longe disso, a educação

em cada momento histórico, determina os modelos e os padrões de conduta dos novos indivíduos, ensina-lhes o que cada um é e indica-lhes em que consiste a “realidade” e a forma adequada de aproximar-se dela, de julgá-la, de analisá-la, de conhecê-la e de acreditar nela” (MORENO, 1999, p. 22).

As duas autoras supra citadas ressaltam a importância da educação escolar na formação das alunas e dos alunos como cidadãos e cidadãs conscientes e críticos da sociedade na qual estão inseridas/os. É importante ressaltar que a escola não é a única responsável pela formação das meninas e dos meninos. Outras instituições como a família, por exemplo, também contribuem significativamente na constituição das

identidades dos mesmos. Homens e mulheres, muito provavelmente, são o reflexo do que foi lhes ensinado na escola, na família, nos momentos de lazer e na sociedade em geral.

Whitelaw (2003) ressalta a importância da formação das professoras e dos professores, pois estas/es devem estar preparadas/os para trabalhar com a diversidade cultural das/os alunas/os oriundas/os das mais variadas realidades sociais. Como nem sempre os educadores estão preparados para assumir tamanha responsabilidade, a educação torna-se frágil e desigual, transformando-se num fator de aumento das desigualdades sociais, das diferenças de gênero e de discriminações. A referida autora considera que as professoras e os professores “devem estar conscientes e entender o poder e influência de seu comportamento e atitudes, assim como do que ensinam e de como ensinam” (WHITELAW, 2003, p. 38) na formação integral das/os alunas/os.

Algumas autoras (AUAD, 2003, WALKERDINE, 1995, CARVALHO, 2001 e CAVALCANTI, 2003) têm realizado seus estudos voltados para a forma como as questões de gênero são tratadas pelas professoras e pelos professores no que concerne às expectativas delas e deles com relação às alunas e aos alunos. Estas pesquisas têm mostrado que professoras e professores têm expectativa diferenciada com relação ao aprendizado e comportamento de meninas e meninos.

Carvalho (2001) considera que as professoras e professores esperam que as meninas sejam mais caprichosas e submissas e os meninos descuidados e expansivos e quando um aluno ou uma aluna apresenta comportamento diferente do esperado, consideram-no um aluno ou aluna problema.

Ao se ensinar formas de comportamentos distintos e cobrar das meninas e meninos atitudes correspondentes é natural que haja uma separação entre eles no ambiente escolar, sendo importante que os professores e professoras observem isso e busquem a interação entre todos os alunos e alunas, independentemente do gênero, para que as crianças e adolescentes aprendam a respeitar as diferenças e diminuir as desigualdades entre os gêneros.

Auad (2003) considera que assumindo as diferenças que existem entre as crianças dos variados gêneros, torna-se mais fácil evitar que tais diferenças se traduzam em desigualdades, em dominação de um gênero sobre outro. A diferença biológica quando traduzida socialmente como desigualdade, pode ser prejudicial ao desenvolvimento da criança e do adolescente no ambiente escolar e fora dele.

A escola apresenta-se, então, como um espaço propício para o confronto entre os gêneros, uma vez que se tem dentro dela profissionais e alunos de ambos os sexos e dos mais variados gêneros. É, então, relevante o papel da escola e das professoras e professores na construção e/ou manutenção das representações estereotipadas ou não das relações de gênero.

### **O Papel do livro didático**

O livro didático<sup>1</sup> é uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem (PCN's, 1998). Muitas vezes é o único livro que estudantes e professores tem acesso. Ele assume o *status* de autoridade e o conteúdo por ele transmitido pode ser adotado por professores/as e alunos/as como a expressão da verdade. Ele acompanha a criança e o adolescente por toda sua vida escolar e desta forma contribui para a formação das alunas e dos alunos como cidadãos e cidadãs. É importante refletir sobre como este material representa homens e mulheres em seus enunciados e ilustrações, bem como de que forma a linguagem<sup>2</sup> contribui para a ocultação das mulheres.

Pensando que o livro didático funciona como um eficiente instrumento para a educação das crianças quanto a forma como homens e mulheres devem agir em sociedade é que se realizou esta pesquisa.

### **Voltando o olhar para os livros didáticos de Matemática**

A socialização das crianças ocorre de muitas formas, sendo que a escola, os amigos e a família têm papel fundamental neste processo, se constituem em espaços essenciais nos quais meninos e meninas tomam conhecimento do que podem ou não fazer. Para este estudo foram considerados estes três momentos onde a educação se faz. Foram analisados enunciados e ilustrações retiradas dos livros didáticos de Matemática buscando identificar as questões de gênero que perpassam os mesmos.

---

<sup>1</sup> Para este estudo, estende-se por livro didático “o material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação” (OLIVEIRA, GUIMARÃES e BOMÉNY, 1984, p. 11). Ou ainda, “aquele material impresso, estruturado, apresentado e comercializado com a finalidade de atender, normativamente, aos programas oficiais das disciplinas escolares” (SILVA, 2000, p. 17).

<sup>2</sup> A norma culta privilegia o masculino. Deve-se lembrar que uma das primeiras coisas que a criança aprende na escola é que quando a professora fala alunos, as meninas devem se sentir incluídas ou ocultadas. Segundo a regra o plural do masculino inclui as mulheres, porém o plural do feminino não inclui os homens.

*A educação por meio dos momentos de lazer*

O número de enunciados que representa crianças brincando pode ser considerado grande. Porém, nos livros do primeiro período analisado eram quase inexistentes<sup>3</sup>. Meninas e meninos são representados em diversas brincadeiras<sup>4</sup>. Em algumas situações eles e elas brincam juntos. As atividades desenvolvidas por meninos e meninas



FIGURA 1 – Montando o carrinho  
Fonte: Dante, 2003b, p. 162.

conjuntamente são, na sua maioria jogos, desde jogos de videogame<sup>5</sup> até jogos de adivinhação<sup>6</sup>. Pode-se notar uma relação de amizade entre as personagens destes enunciados e, principalmente, das ilustrações como nota-se na FIGURA 1.

Dentre as atividades desenvolvidas em conjunto destaca-se os enunciados nos quais é representada a “esperteza”<sup>7</sup> primeiramente do menino e depois da menina. Estes dois enunciados insinuam que quando o aluno ou a aluna se sentir lesado/a, ao invés de questionar e reivindicar para que a divisão seja realizada de maneira justa, deve aguardar o momento oportuno para revidar. A “esperteza” é valorizada e manifestada tanto por meninos quanto por meninas, sendo que as meninas não tomam a iniciativa de tirarem proveito da situação. Elas agem como se estivessem dando o troco, revidando, ou seja, sendo motivadas pelos meninos. Enunciados desse tipo podem contribuir para a construção da passividade nas meninas e para a produção e manutenção da imagem de meninas pouco criativas e meninos espertos. Enunciados semelhantes a estes se configuram em ótima oportunidade de se

<sup>3</sup> Não se encontrou nenhum enunciado representando meninas brincando nos livros do início da década de 1990.

<sup>4</sup> Sérgio, Beto e Guto se reúnem para jogar videogame e decidem... (GIOVANNI, CASTRUCCI e GIOVANNI JR, 1992, p. 45). Luciana e Gabriela vão brincar no balanço... (IEZZI, DOLCE e MACHADO, 2000a, p. 65). João acertou 13 cestas em 25 tentativas e Marcelo fez 12 cestas em 23 tentativas. Quem teve o melhor rendimento? (BIGODE, 2000b, p. 238).

<sup>5</sup> Renata fez 30720 pontos na primeira fase do jogo de videogame e 20070 pontos na segunda fase. Bruno fez, no total, 50220 pontos. Quem venceu a partida? (ISOLANI et al., 2002a, p. 43).

<sup>6</sup> Lucas e Olívia gostam de brincar com o que chamam de jogos de adivinhar. Um deles... (PIRES, CURI E PIETROPAOLO, 2002b, p. 162).

<sup>7</sup> João e Maria colhiam amora na floresta. Encheram um cesto com as amoras. Na hora de distribuí-las João foi separando em voz alta: “4 para mim, 3 para você; 4 para mim, 3 para você...” e assim até o final terminando com a frase “4 para mim, 3 para você...pronto”. Maria ficou com 60 amoras. Quantas couberam a João? (BIGODE, 2000b, p. 225). No dia seguinte João e Maria saíram para colher ameixa. Na hora de distribuir Maria tomou a iniciativa e começou a contar “3 para mim, 2 para você; 3 para mim, 2 para você”. Contou assim até pronunciar a última frase: “3 para mim, duas para você ... pronto”. Desta vez João ficou com 60 ameixas. Quantas couberam a Maria? (BIGODE, 2000b, p. 225).

trabalhar o questionamento e o poder de argumentação o que não é feito nos livros analisados.

As principais brincadeiras dos meninos e meninas são colecionar figurinhas<sup>8</sup> e jogar bafo. Notou-se a ausência da prática de jogos coletivos como futebol, vôlei e basquete nos enunciados, entretanto, as ilustrações contemplam estes esportes (FIGURA 2).



FIGURA 2 - Jogando vôlei  
Fonte: Giovanni, Castrucci e Giovanni Jr., 2002b, p. 225.

A representação de meninas e meninos desenvolvendo as mesmas brincadeira e brincando juntos apresentam-se como uma excelente oportunidade para desconstruir a imagem de que

existem brincadeiras para meninas e outras para meninos e incentiva a interação entre as crianças de ambos os sexos nas atividades recreativas. Pôde-se perceber relação de afeto

e carinho (na FIGURA 1 as crianças estão sorrindo o que demonstra satisfação) entre as personagens o que leva a concluir que nos momentos de lazer é permitido às crianças manifestarem esses sentimentos.

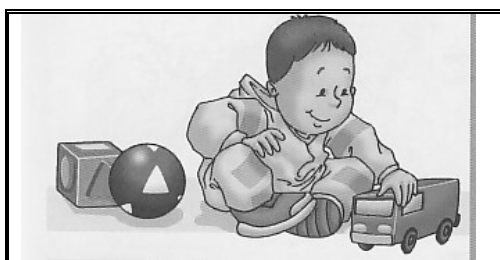


FIGURA 3 – Brincando de carrinho  
Fonte: Giovanni, Castrucci e Giovanni Jr., 2002, p. 12.

As brincadeiras, na maioria das vezes são desenvolvidas por mais de uma criança o que coincide com a realidade na qual, geralmente, as

crianças brincam em duplas ou grupos. Notou-se a ausência da clássica representação de

crianças brincando de bonecas, bem como a pouca representação da brincadeira com carrinhos que ficou limitada a raros enunciados e ilustrações (FIGURA 3). As meninas são mais comportadas do que os meninos nos momentos de lazer como no caso da FIGURA 4 na qual as meninas



Figura 4 – Jogo de figurinhas  
Fonte: Bigode, 2002b, p. 78.

brincam sentadas comportadamente. No geral, as atividades desenvolvidas pelas

<sup>8</sup> Eduardo tem 39 figurinhas. Gabriel tem o dobro da quantidade de Eduardo e Rodrigo tem... (ISOLANI et al., 2002a, p. 46). Alice e Bia também colecionam figurinhas. Alice possui 34 figurinhas. Se ela der 4 figurinhas para Bia, ambas ficarão com a mesma quantidade. Quantas figurinhas Bia Possui? (BIGODE, 2000a, p. 64).



meninas são menos dinâmicas do que as desenvolvidas por meninos, o que contribui para a construção da imagem de meninas mais passivas e organizadas e meninos mais agitados e criativos (CAVALCANTI, 2003).

*A educação por meio dos momentos de estudos dentro ou fora da escola*

No que tange à representação de gênero nos momentos de estudo ou de vinculação com a aprendizagem pôde-se perceber que meninas e meninos foram representados nos livros didáticos dos dois períodos analisados. Porém, as atividades desenvolvidas por eles e elas estão desvinculadas da vida em comunidade o que contribui para a construção da imagem de que a Matemática não tem utilidade para o futuro das crianças e que por isso não há sentido em estudá-la. Na maioria dos

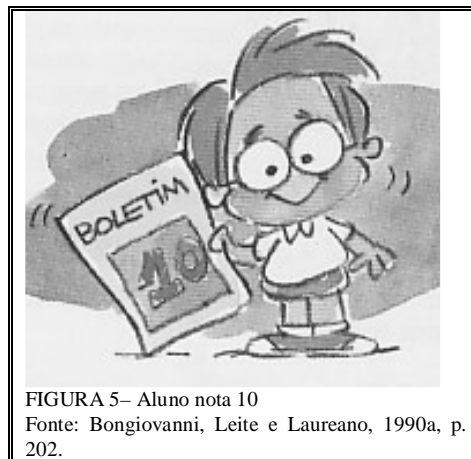


FIGURA 5– Aluno nota 10  
Fonte: Bongiovanni, Leite e Laureano, 1990a, p. 202.

enunciados aparece a relação com a escola e principalmente com o sistema de avaliação<sup>9</sup> e freqüentemente os meninos tiram notas baixas<sup>10</sup> nas provas. Entretanto nas ilustrações a imagem dos meninos é diferente. Eles são compenetrados (FIGURA 6) e tiram notas altas como na FIGURA 5. As ilustrações mostram as meninas, na maioria das vezes, compenetradas, participativas (FIGURA 7).



FIGURA 6 – Menino medindo  
Fonte: Dante, 2003a, p. 105.

A relação de amizade aparece em poucos enunciados e ilustrações. O que pode indicar que a escola não é o local adequado para a construção de amizades. As brigas e discordâncias entre os alunos e alunas também não aparecem nos livros didáticos. Isso diverge da realidade na qual o espaço escolar é um dos

principais locais para a construção de relações de amizade, bem como, um espaço em que ocorre o choque entre os gêneros o que pode causar discordâncias entre os sujeitos.

<sup>9</sup> No primeiro bimestre deste ano, Flávia ficou com nota 6,0. Essa nota é a média aritmética das três provas realizadas. Na segunda prova,...(BIANCHINI, 1991, p. 92). Na semana passada, Carla fez provas na escola. Na prova de Português havia 20 questões e ela errou 3 questões; na prova... (ISOLANI et al.,2002a, p. 169). João Sabidão participou da maratona de Matemática na escola. Ele acertou 72% das 150 questões. Quantas questões ele acertou? (BIGODE, 2000b, p. 229)

<sup>10</sup> Neste bimestre, Cláudio já fez três provas de matemática, obtendo as notas 3,5. 4,0 e 4,0. Ele ainda...(CENTURIÓN, JAKUBO e LELLIS, 2003b, p.117).

Os enunciados e ilustrações representam meninas e meninos estudando juntos, porém o vínculo afetivo aparece em poucas situações (FIGURA 8). De um modo geral,

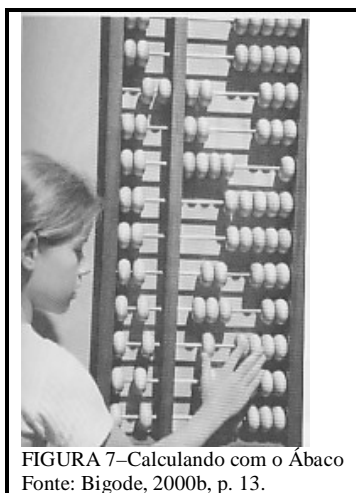


FIGURA 7–Calculando com o Ábaco  
Fonte: Bigode, 2000b, p. 13.

meninos e meninas acatam as ordens da professora ou do professor<sup>11</sup> e a relação com os mesmos é pacífica. Raramente eles e elas são representados transgredindo os padrões socialmente estabelecidos. Se a escola é responsável por moldar os alunos de acordo com os padrões e normas da sociedade, conforme o argumento de diversas autoras e autores, dentre eles Apple (2002), Louro (2001), Libâneo (2003) e Cavalcanti (2003), os livros estão contribuindo para isso, pois os alunos e alunas representados por eles reproduzem essas regras e padrões.

Embora o conteúdo matemático não tenha sido o foco das análises, muitas vezes ele chamou atenção como no caso da problematização com crianças em momentos de aprendizagem, na qual, a representação é feita, na maioria das vezes, desvinculada da realidade. Apenas um enunciado mostra uma aluna relacionando a Matemática com a sociedade quando diz que a aluna “fez uma pesquisa”<sup>12</sup>. A escassez do relacionamento da Matemática com a vida em comunidade pode levar as/os estudantes a interpretar que a Matemática não tem utilidade para a sua vida e que deve ser aprendida exclusivamente para passar de ano. Esta falta de relação com o dia-a-dia pode contribuir para que os alunos e as alunas deixem de gostar de Matemática por não vislumbrarem utilidade para os conteúdos desta disciplina.



FIGURA 8 – Estudando em dupla  
Fonte: Dante, 2003a, p. 41.

Conforme o argumento de Silva (2000) os alunos e alunas têm dificuldade de estudar assuntos desvinculados da realidade, assuntos para os quais eles e elas não vêem aplicação no dia-a-dia. Como professora de Matemática pude observar que os/as estudantes se sentem mais estimulados/as a resolver problemas que eles/as podem vivenciar no dia-a-dia fato que corrobora o argumento de Silva. Nessas situações, a

<sup>11</sup> A professora de Carmen, Clodoaldo e Marília pediu que eles fizessem mentalmente algumas divisões. Examine... (DANTE, 2003a, p. 69).

<sup>12</sup> Cláudia fez uma pesquisa para saber qual era o gênero de filmes preferido pelas pessoas que moram perto de sua casa. Dividiu os filmes em quatro categorias:... (PIRES, CURI e PIETROPAOLO, 2002a, p.76).

aprendizagem ocorre com mais facilidade e de maneira eficaz, pois, sempre que eles se deparam, em seu cotidiano, com situações semelhantes às estudadas na escola, acabam rememorando o aprendizado escolar.

A interação entre os gêneros no que tange a situações de aprendizagem é pouco

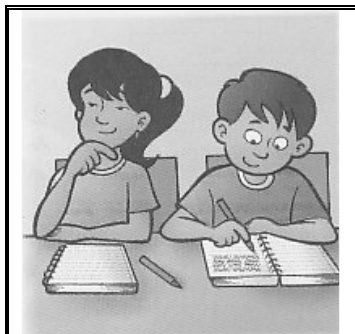


Figura 9 – Olhar distante  
Fonte: Centurión, Jakubovic e Lellis, 2003b, p. 69.

representada nos livros didáticos de Matemática. Os nomes femininos e masculinos aparecem no mesmo texto<sup>13</sup>, porém sem nenhum vínculo entre as personagens. Comumente as personagens são apresentadas uma em comparação a outra e alguns enunciados mostram que meninas e meninos têm maneiras diferentes<sup>14</sup> de resolverem os exercícios de Matemática.

As ilustrações mostram que meninas e meninos estudam juntos, porém há diferença na forma de representar cada um deles. Em algumas figuras eles e elas estão desenvolvendo a mesma atividade e ambos participam igualmente da ação (FIGURA 8). Entretanto, em outras ilustrações a representação é muito diferente como na FIGURA 9 na qual tem-se um menino e uma menina estudando. Ele está comprometido em sua lição enquanto a menina está dispersa, com olhar distante e ainda não escreveu nada em seu caderno, imagem que difere da encontrada quando as meninas aparecem sozinhas na ilustração (FIGURA 7). Na FIGURA 10 tem-se os meninos realizando a atividade e as meninas anotando os dados o que permite a interpretação de que as meninas estão “secretariando” os meninos, ou seja, em uma condição de inferioridade.

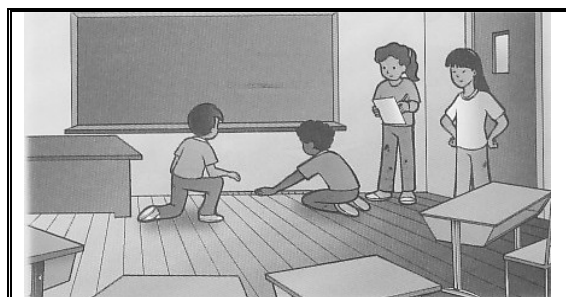


FIGURA 10 – Diferença de postura  
Fonte: Centurión, Jakubovic e Lellis, 2003b, p. 245.

Ilustrações como estas contribuem

para a construção da imagem de meninas passivas e submissas e meninos ativos e com iniciativa. Estas imagens coincidem com a imagem esperada pelas professoras entrevistadas por Carvalho (2001). Porém, em minhas classes isso nem sempre ocorria. Muitas vezes as meninas mostravam-se tão ou mais participativas que os meninos. Então, com base em minha experiência, posso dizer que os livros didáticos refletem

<sup>13</sup> Veja Cíntia, Maria, Denílson e Sérgio fizeram mentalmente algumas subtrações. Comente... (DANTE, 2003a, p. 68).

<sup>14</sup> André e Tânia resolveram um mesmo problema de formas diferentes. Observe... (PIRES, CURI e PIETROPAOLO, 2002a, p. 150).

parcialmente a realidade da sala de aula no que tange a participação de alunos e alunas nas aulas e nas atividades.

Percebeu-se também a diferença da forma de representar os gêneros nas ilustrações feitas por meio de fotos e por meio de desenhos. As fotos por serem flagrantes da realidade se aproximam mais das situações encontradas no dia-a-dia. Entretanto nos desenhos, fica evidente a diferença de postura de meninas e meninos pois representam a visão que os/as ilustradores/as tem sobre as questões de gênero, tal representação ocorre geralmente em papéis dicotomizados (COSTA, 1994).

#### *A participação da família na educação das crianças*

Os resultados da pesquisa mostram ainda que os alunos e as alunas aprendem



FIGURA 11 –Educando a filha  
Fonte: Giovanni, Castrucci e Giovanni Jr., 2002a, p. 261.

que o cuidado com a família é uma tarefa feminina convergindo para o argumento de Carvalho (1999) quando ela afirma que é tarefa das mulheres adultas e amorosas cuidar das crianças nos papéis de mãe, professora, enfermeira, dentre outros. A mulher é a responsável pela compra de alimentos<sup>15</sup>, pelo cuidado com a prole e pela preparação de festas comemorativas<sup>16</sup>

de aniversários e casamentos dos filhos e filhas. O cuidado com o lar<sup>17</sup>, aquisição de móveis e eletrodomésticos<sup>18</sup> é dividido entre homens e mulheres, porém não há diálogo entre os dois para a decisão da reforma ou aquisição.

A relação entre os cônjuges não é contemplada pelos enunciados e ilustrações dos livros investigados. Os gêneros são representados, na maioria das vezes, separadamente. Fica nítida a diferença de papéis entre pais e mães, sendo a mãe responsável pelo cuidado e educação (FIGURA 11) e o pai pelo lazer (FIGURA 12), ou seja, para a rede social de produção dos livros

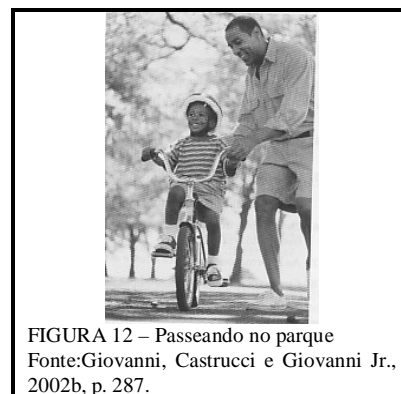


FIGURA 12 – Passeando no parque  
Fonte:Giovanni, Castrucci e Giovanni Jr., 2002b, p. 287.

didáticos existem papéis adequados e distintos para homens e mulheres desempenharem

<sup>15</sup> Dona Odila vai ao supermercado e compra... (BONGIOVANNI, LEITE e LAUREANO, 1990a, p. 151).

<sup>16</sup> No casamento de Roberta vai haver uma grande festa. Dona Carminha já está preparando os doces... (IEZZI, DOLCE E MACHADO, 2000a, p. 32).

<sup>17</sup> Dona Lúcia calculou a soma das medidas de pano que precisava comprar para fazer cortinas e colchas. Descubra... (BIGODE, 2000a, p. 229). Paulo colocou rodapé em sua casa. Na sala... (ISOLANI et al., 2002a, p. 75).

<sup>18</sup> Fernanda comprou um fogão... (IEZZI, DOLCE E MACHADO, 2000a, p. 56). Na compra de uma geladeira, Álvaro deu uma entrada... (DANTE, 2003b, p. 73).

no cuidado com os filhos e o lar. É como se homens e mulheres vivessem em mundos paralelos. Este resultado se assemelha ao encontrado por Tonini (2002) e Bonazzi e Eco (1980) em suas pesquisas.

Coincide ainda com a que Deiró (s/d) encontrou em pesquisa realizada no final da década de 1980 em livros de Comunicação e Expressão. Assim, pode-se concluir que ao longo de mais de duas décadas houve pouca mudança na forma de representar homens e mulheres no cuidado com a prole.

Os demais membros da família como tia<sup>19</sup>, tio, avó, avô<sup>20</sup>, irmã<sup>21</sup> e irmão recebem pouco destaque. Na sociedade atual na qual os pais e mães necessitam do auxílio dos familiares para cuidar dos filhos enquanto trabalham podia-se esperar que as avós e os avôs estivessem mais presentes nos enunciados e ilustrações dos livros didáticos de Matemática.

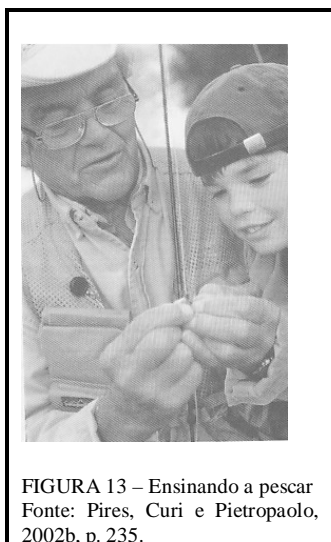


FIGURA 13 – Ensinando a pescar  
Fonte: Pires, Curi e Pietropaolo, 2002b, p. 235.

Nas ilustrações pode-se perceber relação afetiva entre o avô e os netos ( FIGURA 13), porém em raras imagens, o que não dá a dimensão da importância que estes membros da família têm para a vida cotidiana. Considerando que o livro didático é uma ferramenta importante no processo de ensino e aprendizagem, como viu-se anteriormente, os padrões por ele estabelecidos podem ser interpretados pelas crianças como a expressão da verdade e, desta forma, levá-las a uma compreensão equivocada da realidade.

Assim, pode-se concluir que os livros didáticos não incorporaram as transformações ocorridas nas relações familiares nos últimos anos. A representação da família ocorre em poucas ocasiões e sem manifestação de carinho e afeto entre os membros da mesma. Sabe-se que as personagens têm família, porém não está expresso em nenhum enunciado a importância que os familiares têm na formação das crianças.

Nos dias atuais, onde muitos casais dividem a responsabilidade pelo cuidado com os filhos e a casa, os livros didáticos ainda representam os estereótipos de pai provedor e mãe educadora e protetora. Os autores e autoras poderiam se valer de

<sup>19</sup> A tia Rosa da cantina comprou 200 balas... (BONGIOVANNI, LEITE e LAUREANO, 1990a, p. 77).

<sup>20</sup> O Avô de Paula e Sofia pediu que elas guardassem na geladeira dois queijos iguais, cortados, para ele fazer uma receita para o jantar. Cada uma... Rodolfo ganhou R\$ 20,00 de seu pai e R\$ 25,00 de sua mãe. Com o que... (DANTE, 2003a, p. 139).

<sup>21</sup> A irmã de Vânia toma mamadeiras de 200 ml de leite. Se ela... (BONGIOVANNI, LEITE e LAUREANO, 1990a, p. 146).

enunciados e ilustrações que representassem a interação entre os gêneros com o intuito de contribuir para a formação da identidade e da subjetividade das crianças. Poderiam ainda mostrar, em alguns momentos, a “inversão dos papéis”, com mãe provedora e pai educador, a fim de mostrar que esta é uma situação possível. Enfim, os livros didáticos poderiam contemplar a multiplicidade de relações familiares ao invés de reafirmar um único padrão de família.

### **Considerações finais**

Os livros analisados não incorporaram as transformações nas relações sociais ocorridas nas últimas décadas, visto que houve pouca diferença na forma de representar os gêneros nos dois períodos analisados. As categorias aqui apresentadas poderiam servir para mostrar tais transformações, pois contemplam os diversos momentos da vida das crianças.

Os livros didáticos deixam escapar as oportunidades de abordar questões vinculadas com a realidade dos alunos, e, se a escola tem papel fundamental na formação dos/as jovens para atuar na sociedade (LIBÂNEO, 2003), ao não representar os gêneros em situações relacionadas ao dia-a-dia, o livro didático não está cumprindo seu papel na construção da cidadania conforme sugerem os PCN's, (BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental, 1998).

De um modo geral pode-se concluir que os gêneros são representados de forma diferenciada nos livros analisados. A representação de meninos é mais freqüente que a de meninas. Eles são representados em situações mais diversas que elas. São mais autônomos, têm mais iniciativa, além de serem mais aventureiros. Ao representar os gêneros de forma distinta e desigual, os livros didáticos podem contribuir para a construção e manutenção das desigualdades de gênero que, por sua vez, contribuem para a construção e manutenção de outras desigualdades sociais. Contribuem também para a socialização diferenciada de meninos e meninas.

Desta forma, pode-se concluir que, ao representar homens e mulheres de forma distinta, os livros didáticos estão contribuindo para a construção de imagens estereotipadas de homens e mulher, visto que a escola é o lugar onde as pessoas aprendem a se conhecer e reconhecer, (LOURO, 2001) e o livro didático, uma ferramenta muito utilizada para o ensino e aprendizagem.

Sabe-se que os livros didáticos são apenas um dos elementos responsáveis pela construção das identidades dos alunos e alunas, porém, por serem companheiros de

caminhada de crianças e adolescentes podem contribuir para que elas/es vislumbrem diversas possibilidades de relações entre os sujeitos, diversas formas de identificação, bem como, que as noções de masculinos e femininos não são únicas, que existem múltiplas possibilidades. Pode permitir ainda que meninos e meninas percebam a multiplicidade de caminhos a seguir.

Pode-se concluir ainda que se os livros didáticos estão educando as gerações futuras, eles estão mantendo padrões estereotipados de homem e mulher e deixando assim de contribuir para a construção de uma educação justa e equilibrada.

### Referências

- APPLE, M. W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- AUAD, D. **Feminismo: Que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BOCK, A. M. B., FURTADO, O. & TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. 13. ed., São Paulo: Saraiva, 1999.
- BONAZZI, M.; ECO, U. **Mentiras que parecem verdades**. (trad. FALDINI, G.). São Paulo: Summus, 1980.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, p. 19-41, 1998.
- CARVALHO, M. E. O que essa história tem a ver com as relações de gênero? Problematizando o gênero no currículo e na formação docente. In CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (org.). **Gênero e Educação: Múltiplas faces**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 55-76.
- CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, 2001. p. 554-574.
- \_\_\_\_\_. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.
- CAVALCANTI, E. L. S.. A apreensão do conhecimento escolar numa perspectiva de gênero. In: FAGUNDES, T. C. P. C. **Ensaio sobre Identidade e Gênero**. Salvador: Helvécia, 2003, p. 177-210.
- COSTA, C. L. O leito do procusto. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 141-174, 1994.
- DEIRÓ, M. L. C. **As belas mentiras: a ideologia subjacente aos livros didáticos**. 12. ed. São Paulo: Moraes, s/d.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Questões de nossa época, v. 67)
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Trad. FUZZATTO, A. V. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

OLIVEIRA, J. B. A.; GUIMARÃES, S. D. P.; BOMÉNY, H. M. B. **A política do livro didático**. 2. ed. São Paulo: Summus; Campinas: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 199-.

SCHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, jul./dez. 1995. p. 71-99.

SILVA, R. M. **Textos didáticos: crítica e expectativa**. Campinas: Alínea, 2000.

SIMIÃO, D.S. **Gênero no mundo do trabalho**. Mimeo, 2000, 9 p.

TONINI, I. M. **Identidades capturadas** – gênero, gerações e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de geografia. Porto Alegre, 2002, 133 f. Tese (Doutorado em Educação), UFRGS.

WALKERDINE, V. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez, 1995.

WHITELAW, S. Questões de Gênero e equidade na formação docente. In CARVALHO, M. E. e PEREIRA, M. Z. C. (org.). **Gênero e Educação: Múltiplas faces**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 33-44.

### **Livros analisados**

BIANCHINI, E. **Matemática: 6ª série**. São Paulo: Moderna, 1991.

BIGODE, A. J. L. **Matemática hoje é feita assim: 5ª série**. São Paulo: FTD, 2000a.

BIGODE, A. J. L. **Matemática hoje é feita assim: 6ª série**. São Paulo: FTD, 2000b.

BONGIOVANNI, V., LEITE, O. R. V. e LAUREANO, J. L. T. **Matemática e Vida: 5ª série**. São Paulo: Ática, 1990.

BONGIOVANNI, V. , LEITE, O. R. V. e LAUREANO, J. L. T. **Matemática e Vida: 6ª série**. São Paulo: Ática, 1990.

CENTURIÓN, M., JAKUBOVIC, J. e LELLIS, M. **Novo Matemática na medida certa: 5ª série**. São Paulo: Scipione, 2003a.

CENTURIÓN, M., JAKUBOVIC, J. e LELLIS, M. **Novo Matemática na medida certa: 6ª série**. São Paulo: Scipione, 2003b.

DANTE, L. R. **Tudo é Matemática: 5ª série**. São Paulo: Ática, 2003a.

DANTE, L. R. **Tudo é Matemática: 6ª série**. São Paulo: Ática, 2003b.

GIOVANNI, J. R., CASTRUCCI, B. e GIOVANNI JR., J. R. **A conquista da Matemática: Teoria e aplicação: 5ª série**. São Paulo: FTD, 1992.

GIOVANNI, J. R., CASTRUCCI, B. e GIOVANNI JR., J. R. **A conquista da Matemática: a + nova 5ª série**. São Paulo: FTD, 2002a.

GIOVANNI, J. R., CASTRUCCI, B. e GIOVANNI JR., J. R. **A conquista da Matemática: a +nova: 6ª série**. São Paulo: FTD, 2002b.

IEZZI, G., DOLCE, O. e MACHADO, A. **Matemática e Realidade: 5ª série**. São Paulo: Atual, 2000a.



IEZZI, G., DOLCE, O. e MACHADO, A.. **Matemática e Realidade**: 6ª série. São Paulo: Atual, 2000b.

ISOLANI, C. M. M., MIRANDA, D. T. L. ANZZOLIN, V. L. A. e MELÃO, W. S. **Matemática**: 5ª série. Curitiba: Módulo, 2002.a

ISOLANI, C. M. M., MIRANDA, D. T. L., ANZZOLIN, V. L. A. e MELÃO, W. S. **Matemática**: 6ª série. Curitiba: Módulo, 2002b.

PIRES, C. C., CURI, E. e PIETROPAOLO, R. **Educação Matemática**: 5ª série. São Paulo: Atual, 2002a.

PIRES, C. C., CURI, E. e PIETROPAOLO, R. **Educação Matemática**: 6ª série. São Paulo: Atual, 2002b.